Editor: Carlos Alexandre de Souza
carlosalexandre.df@dabr.com.br
3214-1292 / 1104 (Brasil/Política)

NOVO GOVERNO / Decisão do presidente ocorre após a deputada eleita recusar o posto de Autoridade Nacional de Segurança Climática. Simone Tebet, que também estava cotada para o ministério, tem chance de assumir a pasta de Cidades

Lula convida Marina para o Meio Ambiente

O presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva vai indicar Marina Silva para comandar novamente o Ministério do Meio Ambiente. Ela recusou o convite feito por ele, ontem, para ocupar o cargo de Autoridade Nacional de Segurança Climática. Em reunião com o petista, a deputada eleita pela Rede disse que essa função, a ser criada pelo novo governo, precisa ser desempenhada por um técnico, e não por alguém de perfil político.

Diante do impasse, Lula chamou mais uma vez a senadora Simone Tebet (MDB-MS), com quem já havia conversado pela manhã, na tentativa de encontrar uma saída. O presidente eleito queria que as duas fizessem uma dobradinha, com Tebet à frente do Ministério do Meio Ambiente. A proposta já havia sido apresentada à senadora em outras duas ocasiões pela presidente do PT, Gleisi Hoffmann.

Desta vez, Tebet respondeu que só aceitaria a pasta se Marina concordasse em assumir a Autoridade Climática, o que não ocorreu. Nas redes sociais, a deputada eleita negou que esse tenha sido o assunto da reunião com o futuro chefe do Executivo. "Tive uma boa conversa com o Lula sobre os rumos da política socioambiental do país. Esclareço que no encontro não tratamos sobre convite para assumir a autoridade climática, que defendo ser um cargo técnico vinculado ao Ministério do Meio Ambiente", escreveu ela no Twitter.

Marina tem uma atuação histórica e sólida centrada na questão ambiental, o que lhe conferiu o reconhecimento como um dos nomes brasileiros mais respeitados internacionalmente no assunto. A indicação dela era tão certa que o anúncio chegou a ser aguardado durante a Conferência Climática da ONU no Egito, a COP27.

Outro aspecto que reforça a volta de Marina para o ministério são os resultados na sua **gestão da pasta,** quando o país registrou a maior redução no desmatamento da Amazônia — de 25 mil para menos de 13 mil quilômetros quadrados.

Vinicius Doria/D.A Press



Marina Silva e Simone Tebet tiveram atuação destacada na campanha do presidente eleito e aguardam acomodação no novo governo

Embates

Marina Silva foi ministra do Meio Ambiente no governo Lula, de 2003 a 2008, mas saiu após vários embates com o PT e com o agronegócio. Em seguida, desfiliou-se do partido e só se reaproximou do petista nesta campanha, pelas mãos de Fernando Haddad, futuro ministro da Fazenda.

Agronegócio

A deputada eleita, porém, encontra resistências quanto a sua volta ao ministério no setor de agronegócio, que ainda a vê como uma ambientalista radical. A necessidade de construir um diálogo do campo com o setor ambiental é apontado como um dos motivos para o convite de Lula a Tebet. Interlocutores dizem que a senadora do Mato Grosso do Sul, um estado importante na produção agrícola, tem diálogo e trânsito tanto no agronegócio como em diversos setores do empresariado, o que teria sido demonstrado durante a campanha presidencial, em que se cacifou como a opção da terceira via.

Até agora não está definida a pasta que Tebet assumirá. O Estadão apurou que, durante voo de Brasília para São Paulo, Lula disse a ela que não poderia dispensar sua colaboração no governo. Uma das ideias é que a senadora fique com o Ministério das Cidades.

O problema é que a pasta já foi prometida pelo presidente eleito para a bancada do MDB na Câmara. Pelo Senado, o indicado do partido é Renan Filho, ex-governador de Alagoas, que será ministro dos Transportes.

O deputado José Priante (MDB-PA) tinha sido indicado para Cidades, mas o governador do Pará, Helder Barbalho, que é seu primo, vetou o nome. Os dois não se dão bem. "Eu me sinto lisonjeado por ter sido lembrado pela bancada, mas todo partido tem sua neura. Sempre tem muita confusão. Tem um colega nosso que diz que só acredita em Deus e no *Diário Oficial*", frisou Priante.

Tebet foi convidada para o Meio Ambiente após o PT barrar o nome dela para comandar o Ministério do Desenvolvimento Social, entregue ao senador eleito Wellington Dias (PT), ex-governador do Piauí. Nas redes sociais, entidades climáticas criticaram a possibilidade de a parlamentar ser titular da pasta, sob o argumento de que ela é ligada ao agronegócio. Foi criada até a hashtag #TemQueSerMarina. (**Colaborou Henrique Lessa**)

Macron vem ao Brasil

O presidente francês, Emmanuel Macron, prepara uma visita de Estado ao Brasil. Ele será um dos primeiros líderes mundiais a ser recebido pelo presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva, em Brasília, para negociações bilaterais no ano que vem. A agenda e a data ainda não foram fechadas, mas é certo que Macron pisará em solo brasileiro no primeiro semestre, conforme diplomatas envolvidos nos preparativos. Em princípio, a ideia era que a viagem fosse realizada em março, logo após o carnaval, mas a visita de Estado foi postergada pela presidência francesa nos últimos dias.

Antes de Macron, a ministra dos Negócios Estrangeiros da França, Catherine Colonna, virá ao Brasil em fevereiro para cumprir agendas e preparar a viagem do presidente. Nenhum dos dois estará na posse de Lula, em 1º de janeiro. O provável representante de Paris será um auxiliar direto da chanceler francesa, o ministro-delegado Oliver Becht, responsável pelo Comércio Exterior, Atratividade e Franceses no Exterior.

Macron conhece pouco da América do Sul. Antes do Brasil, esteve na Argentina, para a cúpula do G-20, e na Guiana Francesa. Será a terceira viagem dele à região.

A França é um dos principais parceiros comerciais do Brasil na Europa. O país europeu lidera como o maior empregador estrangeiro e o terceiro que mais investe em território brasileiro. Em 2019, eram 1.042 as empresas francesas no Brasil, com 472 mil funcionários, conforme a embaixada em Brasília. Em 2020, o investimento francês em território nacional somou US$ 32,2 bilhões, 6% do total investido no setor produtivo por outros países, atrás somente de Estados Unidos e Espanha. Os dados são do Banco Central.

Além disso, os países desenvolveram parcerias estratégicas no setor de Defesa. Há tecnologia francesa em uso nas Forças Armadas, com equipamentos do Exército, da Marinha e da Aeronáutica. São mísseis, sistemas, helicópteros. O principal deles é o programa de desenvolvimento de submarinos, o ProSub, com transferência de conhecimento e tecnologia. Há intercâmbio de experiências e relacionamento direto no patrulhamento da fronteira comum, na região entre a Guiana Francesa e o Amapá.

"Inimigo externo"

A despeito dessa relação diversa, Macron virou "inimigo" político externo no governo Jair Bolsonaro. Eles só conversaram presencialmente uma vez. O presidente brasileiro e seu ministro da Economia, Paulo Guedes, proferiram opiniões ofensivas sobre a aparência da primeira-dama francesa, Brigitte Macron. Guedes chegou a dizer que a França estava se tornando "irrelevante" para o Brasil e disse que iria "ligar o f*" para Paris se não fosse bem tratado.

O líder francês liderou a pressão internacional sobre o Brasil no auge das queimadas na Amazônia. Autoridades de Paris foram desprezadas durante visita a Brasília. Bolsonaro queixava-se de que Macron queria "revogar" a soberania brasileira sobre a Amazônia.

O fio da suspeita que paira sobre o GSI

A segurança do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva permanecerá sob os cuidados de equipe da Polícia Federal (PF) no início do governo, em 2023, por desconfiança do PT em torno dos militares lotados no Gabinete de Segurança Institucional (GSI). A mudança no esquema da segurança, considerado por integrantes da equipe do futuro chefe do Executivo como provisório, esvazia o ministério tradicionalmente responsável pela tarefa.

Nos bastidores, aliados de Lula têm dito que é necessário manter a segurança presidencial com a PF diante da "delicadeza" do momento. Em conversas reservadas, dirigentes do PT e ministros indicados pelo partido admitem receio de que a integridade do GSI tenha sido comprometida por "ideologização", desde que o general Augusto Heleno assumiu o comando da pasta, em 2019. Ele é um dos aliados mais fiéis do presidente Jair Bolsonaro e chegou a dizer que "infelizmente" Lula não estava doente.

O futuro ministro da Casa Civil, Rui Costa (PT), tem tratado o tema com integrantes do GSI e com o delegado Andrei Passos, que foi responsável pela segurança de Lula na campanha e será diretor-geral da PF. A ideia é preparar uma proposta de reestruturação das atribuições do GSI e manter, no âmbito da PF, um departamento para a proteção pessoal do presidente, do vice e de suas respectivas famílias.

Costa afirmou, no início da semana, que haverá uma "estrutura de transição" da segurança de Lula até a definição do novo modelo do GSI. "Teremos uma estrutura provisória, que continuará dando segurança ao presidente até a reestruturação definitiva, que ele definirá qual é mais à frente", disse Costa, na terça-feira, ao chegar à sede do governo de transição no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB).

Depois de concluídas as mudanças pretendidas, o gabinete poderá voltar a ficar responsável pela função. Quem assumirá o novo GSI é o general Gonçalves Dias, que cuidou da segurança de Lula nos dois primeiros mandatos.

A equipe do presidente eleito mantém diálogo com o atual GSI com vistas à segurança para a cerimônia de posse. O ministério, porém, não é o principal responsável pela missão. Passos tem mantido conversas com o governo do Distrito Federal e promete mobilizar "milhares" de militares para a solenidade de 1º de janeiro.

Evaristo Sa/ AFP



A segurança de Lula continuará a ser feita pela Polícia Federal

Lula não acredita em atos de violência durante as cerimônias em Brasília. A avaliação interna é de que o vandalismo praticado por apoiadores de Bolsonaro, em 12 de dezembro, se resumiu a um grupo restrito de radicais.

Abin

Em recente entrevista ao *Estadão*, o futuro ministro da Justiça e Segurança Pública, Flávio Dino (PSB), disse ter "algum diálogo" com o GSI para utilizar a estrutura de monitoramento do ministério — no qual está a Agência Brasileira de Inteligência (Abin) —, com o objetivo de identificar eventuais organizadores de atos antidemocráticos planejados para ocorrer no dia posse. O entorno de Lula, porém, não confia na pasta para organizar os preparativos do evento, que pode reunir até 300 mil pessoas na Esplanada dos Ministérios e dezenas de líderes internacionais.

O forte esquema de segurança, a desmobilização de populares por causa das comemorações de fim de ano e os milhares de apoiadores do petista esperados na capital federal são fatores que também pesam a favor de um dia sem incidentes de segurança.

Lula, inclusive, faz questão de desfilar em carro aberto, como é tradicional na cerimônia de posse de um presidente em Brasília, e de realizar o Festival do Futuro na Esplanada, com shows de artistas que o apoiaram, como Pabllo Vittar, Martinho da Vila e Maria Rita.

Na última quarta-feira, Lula visitou a residência de veraneio da Presidência na Granja do Torto, em Brasília, que é vigiada por agentes do GSI. O petista chegou ao local acompanhado de um comboio de segurança da PF, que inclui mais de quatro carros e escolta aérea de helicóptero. Caso o presidente eleito decida morar no Torto antes de se mudar para o Palácio da Alvorada, a casa deverá ser submetida a uma varredura da PF, outra tarefa tradicionalmente submetida à segurança institucional.